

Mário Faustino and Poetry - Experience: Dialogues with Journalism

Mário Faustino e Poesia - Experiência: Diálogos com o Jornalismo

Bruno Leonardo Rios Oliveira²

Data de Submissão: 09 set. 2018.

Data de Aprovação: 01 out. 2018.

Data de Publicação: 15 dez. 2018.

ABSTRACT: Are little known speeches and performances of Mario Faustino militant, writing as a journalist from 1956 to 1959, on the page of the journal of Brazil, known as "Poetry-experience". The texts published in this period reveal a Mario Faustino establishing vivid dialogues with the argumentative traits brought by poetic Avant-garde marginality, which criticized the poets from your time. Questioning the repercussions of the page "Poetry-experience" and your originality in poetic-historical Questionings, Intertextuality, this work intends to discuss the pedagogical perspective of Mario Faustino both as a journalist and critic literary, emphasizing, on the other hand, their disagreements with the poetic conservatism, in situation of Brazilian postwar intellectual, the figure of Meireles, Flag and Drummond. Every moment of your career in the media, yet, the various intellectual identities assumed by Mário Faustino, from your home, in the press, in 1948, that will culminate later in your venture more original in the supplement, chartered in Sunday supplement of the *Jornal do Brasil* (SDJB). This work uses critical review and dialectic as methodology, using secondary sources. Thus, the object of study was investigated by means of bibliographical analysis, discussing theories that address fields such as historiography and literary criticism in the Brazilian cultural journalism segment of the years 1950, thus creating a dialectic understanding of the theme.

Keywords: Militant writing. Literary Journalism. Poetic pedagogy.

RESUMO: São pouco conhecidos os discursos e atuações da escrita militante de Mario Faustino, como jornalista entre os anos de 1956 a 1959, na página do *Jornal do Brasil*, conhecida como "Poesia-Experiência". Os textos publicados nesse período revelam um Mário Faustino que estabelece diálogos vívidos com a marginalidade contestatória trazida pela Vanguarda poética, ao tempo em que criticava os poetas consagrados de seu tempo. Problematizando as repercussões da página "Poesia-Experiência" e sua originalidade dialógica na intertextualidade poética-histórica, este trabalho pretende discutir a perspectiva pedagógica de Mário Faustino tanto como jornalista quanto como crítico literário, ressaltando, por outro lado, as suas discordâncias com o conservadorismo poético, na situação do intelectual brasileiro no pós-guerra, na figura de Meireles, Bandeira e Drummond. Cada momento de sua trajetória na imprensa revela, ainda, as várias identidades intelectuais assumidas por Mário Faustino, do seu início, na imprensa do Pará, em 1948, que vai culminar, mais tarde, na sua empreitada mais original no suplemento encartado no *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil* (SDJB). Este trabalho utiliza-se da revisão crítica e dialética como metodologia, usando de fontes secundárias. Assim, o objeto de estudo foi investigado por meio da análise bibliográfica, discutindo teorias que abordam campos como a historiografia e a crítica literária no segmento do jornalismo cultural brasileiro dos anos de 1950, gerando assim uma compreensão dialética do tema.

¹ **Atribuição CC BY:** Este é um artigo de acesso aberto e distribuído sob os Termos da *Creative Commons Attribution License*. A licença permite o uso, a distribuição e a reprodução irrestrita, em qualquer meio, desde que creditado as fontes originais.

² **E-mail principal de contato:** brunobakeroliveira@hotmail.com. Graduação em Licenciatura Plena em História pela Centro Universitário e Faculdades Maurício de Nassau-UNINASSAU. Pós-Graduado em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA). Orientadora: Profa. Ma. Ana Kelma Cunha Gallas.

Palavras-chaves: Escrita militante. Jornalismo Literário. Pedagogia poética.

INTRODUÇÃO

A importância da obra de Mário Faustino como autor-jornalista para entender o contexto de disputas dos ideários estilísticos na metade do Século XX, abre inúmeras possibilidades de pesquisa que vão além das análises hermenêuticas. É necessário que sua figura seja compreendida a partir de uma perspectiva de inovação do pensamento crítico do jornalismo cultural brasileiro. Assim, neste trabalho traçamos o panorama da sua atuação, situando essa discussão entre 1956 a 1959, quando Mário Faustino transgrediu o caráter formalista que predomina na literatura, tornando a poesia, pedagógica, e acessível às massas, guiando leitores pelos “fazer poéticos críticos” e saberes intertextuais. A sua militância nessas práticas possibilitou aliar a Sociologia da época à poesia brasileira, para sair do senso comum.

Reajustar Mário Faustino diante da modernidade, que ele tanto pregou na sua “escrita pedagógica”, é um trabalho a que se propõe esse artigo. Sua produção jornalística, datada de 1956 a 1959, foi muito importante para o cenário “in extremis” da época. Quando, em 1956, o editor gráfico Reinaldo Jardim reformulou o Jornal do Brasil, trazendo novos layouts, interlocutores e interlocuções, criando o Suplemento Dominical do Jornal do Brasil (SDJB), Mário Faustino foi chamado para trabalhar em uma página mais que experimental – a “Poesia Experiência”. A sua escrita dialógica, que estabelecia uma conexão entre as diversas camadas literárias, causou espanto e, ao mesmo tempo, indignações de vários escritores de seu tempo.

Faustino compreendeu a verve de “repetir para aprender, criar para renovar”, lema que Ezra Pound, e trouxe para a moderna poesia a simbologia crítica-criativa, em que os leitores pudessem ser apresentados às novidades poéticas e ao próprio discurso do fazer poético. A escolha do tema desta pesquisa contribui tanto para re-situar a importância da escrita atuante de Mário Faustino quanto para intertextualizar e retirar do esquecimento a sua escrita militante, conferindo-lhe o significado intelectual que o autor merece.

A página Poesia-Experiência dissertou sobre a própria tessitura da palavra poética, tornando-se um exercício de metalinguagem, em um processo laboral de aprender e compreender as produções dos autores, os quais conferia visibilidade. Assim, apresentava textos poéticos fora das amarras ortodoxas tão vigentes nos suplementos literários da época, incentivando os leitores a lerem sobre a pedagogia literária de autores como Ezra Pound, T.S.Eliot, Hart Crane, entre outros. A interpretação do caráter experimental da página Poesia-Experiência é variada com significações que vão desde uma revisão da escrita barroca, quanto do modernismo instaurado.

Este artigo se propõe, ainda, a analisar as construções discursivas da página “Poesia-Experiência”, identificando, assim, os efeitos de estudos e debates nas universidades, pontuando, assim, os diálogos entre as unidades historiográficas, lítero-pedagógicas e as identidades de criticidade que Mário Faustino propôs em sua militância. Essa leitura revisionista produzirá um efeito pedagógico, sobretudo, por lançar luz sobre os dilemas e conflitos entre a Geração de 45 e o intelectual brasileiro do pós-guerra, considerando a heterogeneidade cultural presente no Governo JK (1956-1960). Cada momento histórico desse, representou as várias identidades intelectuais de Mário Faustino, desde sua atuação no Jornalismo, no Pará, em 1948, que vai culminar mais tarde na sua empreitada mais original que foi o suplemento encartado no SDJB. Os artigos críticos que foram estudados são dos anos de 1956 a 1959, e que foram compilados nos livros “de Anchieta aos concretos” e “Artesanatos de poesia”, organizados por Maria Eugênia Boaventura.

Este trabalho se caracteriza como uma análise bibliográfica, articulando teorias que abordam campos como a historiografia e a crítica literária no segmento do jornalismo cultural brasileiro, gerando, assim, uma compreensão dialética da produção faustiniana. Tal visão não será homogênea; é preciso considerar as várias “polifonias teóricas” possíveis, implicando numa necessária revisão histórica dessa produção. Ressalta-se que a pesquisa nesse campo é bastante árdua devido ao material de pesquisa ser bastante escasso. Tal dificuldade se torna maior devido a própria interlocução jornalística de Mário

Faustino não ser mais ampliada nos debates acadêmicos. Teoricamente, este estudo se desenvolve no ponto de vista da fenomenologia, travando diálogos com intuição pura do autor, que conseguiu redefinir o conceito de modernidade. Investiga-se, nesse sentido, os critérios subjetivos que o levaram a se posicionar, eliminando uma metafísica da retórica da época. Destaca-se, assim, o posicionamento de Mário em detrimento aos de autores que realmente não tinham uma “voz ativa”, criando assim significados distintos nas palavras e nas suas concepções, na página Poesia-Experiência, quanto em outros suplementos literários.

O Oroboros poético: cartografias de uma escrita em pedaços

Na página Poesia-Experiência Mario Faustino dissertava sobre a estrutura social remetida com apelo poético que correspondia os anseios de gerações passadas. Trouxe à tona esses escritos educativos e por meio destes, transformou o ensino acadêmico, tornando-o mais compreensível. Mário era um jornalista de vanguarda, muito à frente de seu tempo, que denunciava a falsa poética de não se engajar ao redor da “ideia-poema”, criticando a posição de muitos escritores que não se permitiam provocar.

Percebe-se que, na trajetória de Mário Faustino, o conceito de vida e obra sempre vão estar em correspondência. O autor, que nasceu em Teresina a 22 de outubro de 1930, tinha uma família numerosa. Mário foi criado por seu irmão mais velho, José Verás, e Eurydice, mulher deste. Desde pequeno, Mário se habituara a ler, e, em 1940, mudou-se para Belém do Pará, onde fez estudos clássicos e aprender diversos idiomas. Foi onde, também, desenvolveu amizades com Benedito Nunes, amigo íntimo e detentor de sua obra intelectual, e Francisco de Paula, que o lançou no jornal “Folhas do Norte”, onde, aos 18 anos, publicou um poema, “O motivo da rosa”, que causou estranhamento devido aos versos calcados em um romantismo metafísico. Em meados da década de 1950, mudou-se para o Rio de Janeiro, lançando o livro “O Homem e sua Hora”, em que apresentava uma radicalidade inovadora na poesia. O livro combinava perfeitamente com o jornalismo da década de 1950, que estava saindo do armário modernista e precisava aquecer-se com novidades sem direito a pieguismos e literatices. Mário era conhecido por apunhalar os conservadores através de sua retórica. Três produções de Mário se

encaixam nessa provocação: “De Anchieta aos concretos” (2003), “Artesanatos de poesia” (2004) e “Mário Faustino: uma biografia” (2004).

A presença jornalística de Mário ainda é pouco estudada, indicando o pouco reconhecimento da academia para a atuação deste para o jornalismo brasileiro, ao contrário da visibilidade que alcançou no papel interlocutor da “Poesia-Experiência”, papel este que exerceu com extrema eficácia, vanguardismo e revisão crítica.

O referencial teórico deste presente trabalho são as importâncias dos campos simbólicos da narrativa jornalística (como relata Bourdieu na sua marginalidade contestatória), analisando os críticos entre os diálogos do sujeito e a escrita, a história vista de baixo, de Jim Sharpe, para que certas visões históricas não se sobreponham a outras, acrescenta-se, também, um estudo de caráter ensaístico de Benedito Nunes nas searas do jornalismo cultural, ressaltando, ainda, Maria Eugênia, que compilou e restaurou os “artigos pedagógicos”.

Eneida Maria observa uma constância reflexiva em Mário Faustino, apresentando as possibilidades de incerteza no seu fluxo crítico.

Há uma qualidade que supomos dominar todas as incertezas: o convite a reflexão e a constante busca de uma voz crítica que não se deixa levar por uma dicção piegas ou pela angélica unanimidade do coro dos contentes (SOUZA, 2004, p.233).

Para a comentadora, uma voz ativa e crítica cria um presente definidor porque, este maneja ideias na busca do entreter e inscrever a escrita como uma definição pedagógica. Cartografar a escrita pedagógica de Mário Faustino é um exercício de imagens que operam em táticas operacionais de pensar em uma “liberdade” artística e de escrita:

... a tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesmo... a tática é o movimento “dentro do campo de visão do inimigo” (CERTEAU, 1994, p.120).

É desse modo que são gerenciadas as relações entre tática e estratégia neste trabalho. Em Mário Faustino, o “poder” da tática centrava-se na explicação de que o ato poético é um traço definidor do fazer-refazer no caráter experimental. Tal posição constituiu e ressignificou seu espaço como crítico-

poeta, saindo da posição de crítico frio e distanciado, propondo ao leitor um maior engajamento. É interessante focar a sua cartografia de textos críticos para uma melhor compreensão de como se opera, em sua atuação, a desconstrução de posições unânimes no mundo literário e no jornalismo, dando lugar à formação de outras visões. Nesse sentido, Mário Faustino preferia:

Julgar se reconhecendo(...) a precariedade dos meios... a crítica literária é muito menos científica, ainda, de que as chamadas ciências sociais, das quais tanto se queixam da pouca exatidão, dos seus julgamentos... a partir do valor do poema como objeto estético, como documento humano... linguagem idealmente condensada, intensa e exata (FAUSTINO, 1958).

A junção do artista e seu meio permitiu refletir sobre a relação entre a escrita, o leitor e as subjetividades, possibilitando uma escrita “anárquica educativa” e contestadora. Esse “mergulho” no universo pedagógico torna-se uma inspiração para a confecção de sua linguagem que ele vivenciava, pelo qual procurava o seu modo de dar sentido ao próprio leitor e ao espaço da coluna “poesia- experiência”, Chaves retrata com rigor metodológico sobre a vitalidade da coluna:

No jornal difundia palavras que considerava máximas de poesia de todos os tempos e difundia o seu direito de fazê-los. “A pedra do toque”, é nesse caso uma solução para o orientador desta página, que tem um gosto pessoal [...], mas o direito de lutar ferozmente para colocar em ação social esse gosto, essa opinião, essa atitude (CHAVES, 2004, p.241)

Chaves percebe a dialética do processo de “construção-desconstrução” que Mário Faustino propôs na validação de uma palavra poética que difunde um gosto pessoal perceptível, maduro e iconoclasta. A poesia seria para todos os tempos, todos os horizontes, como todo e qualquer empreendimento literário que testemunhe as experiências linguísticas através de um novo saber poético.

Falar de iconoclastia é discutir o campo semântico da linguagem poética e experimental, não como um contexto vazio, todavia; a iconoclastia rompe com os tradicionalismos e amplia conhecimento da palavra, com mais organicidade,

pressupondo um corpo de ideias que se compacta na “atividade artesanal”. Em Mário Faustino, o labor da prática crítica e o papel do interlocutor-escritor contribui, de forma significativa para a nova poética modernista da metade dos anos de 1950, com a leitura semanal da página “Poesia-Experiência”. Nesse sentido, Mário Faustino falava com entusiasmo sobre o novo projeto:

A partir de domingo começa a sair “poesia-experiência” semanário de poesia sob minha orientação (sou eu quem faz tudo) que fará parte do suplemento do jornal do Brasil. Uma página inteira *sotto mi direzione*. Que tal? Vamos ver no que dá. Te mando o primeiro exemplar semana que vêm. (Faustino, em carta para Benedito Nunes, 18. Set. 1956, apud CHAVES, 2004, p 252)

O entusiasmo de Mário Faustino era parte de um jogo elementar de recriações dentro da vanguarda, como anunciou acima, em seu intenso debate com Benedito Nunes.

Um sentir do palimpsesto: o sujeito crente na crítica ou o poeta da crítica crente

O paradoxal é que tudo foi escrito. As palavras se gostam até a última resistência [...]. As palavras, então, são meninos no quintal do vento, o texto de tão antigo, se tornou criança. Entre figueiras e metáforas. O leitor é que acordou [...] (NEJAR, 1988, p.30)

Essa fala, tão concisa, parece paradoxal, mas diz sobre a resistência que, ao se desgastar, resiste e constrói algo novo, revisitado, dentro do panorama de metáforas, em que o sistema de pensamento difuso é um reconhecimento da escrita inovadora. A “Poesia-Experiência” inaugurou um “sentir-poema”, associando o que é experienciado, no sentido de Ezra Pound, a um ato de renovação. Faustino, ao criar uma “Poesia-Experiência”, coloca o leitor dentro da experiência poética da página. Mário Faustino também amalgamou os autores em diversos textos reescritos, como um demiurgo jornalístico. Albeniza Chaves reflete sobre esse “raciocínio utópico” de Mário Faustino na “Poesia-Experiência” como um lugar de intersecção poética e jornalística:

Todas as seções em que Mário Faustino dividiu a página eram frutos de uma experiência de vida, que se estendia de ler, de fazer de traduzir [...] “o melhor em português”, lembrando poetas de Portugal e do Brasil, procurando manter vivo e cotidiano o clássico; “é preciso conhecer”, apresentando poetas modernos traduzidos; clássicos vivos”[...] (CHAVES, 2004, p.254)

Augusto de Campos reforçava o conceito que o quase “cinema da página”, em Faustino, gerou muitas inovações textuais, especialmente devido ao dinamismo das ideias que representavam o modelo mais avançado do jornalismo literário no Brasil feito até então. Campos compara a página da “Poesia-Experiência” com estudos de teoria de cinema de Eisenstein:

Assumir-se como um ser de seu tempo reflete muito as possibilidades de leituras, os novos diálogos, apresentação em que o sentido do discurso dinamizado na escrita, juntamente com a agilidade gráfica da página que funcionava como “takes” de um futuro filme à lá Eisenstein (CAMPOS, 2000, p. 149-166).

A página “Poesia-Experiência”, se não era lida, muitas vezes não era devidamente compreendida em suas descargas semânticas, cuja inspiração dos diálogos celebrava a poesia como um renascer pedagógico, pelas constantes enunciações de autores que almejavam o ato crítico, ou como um processo de amadurecimento, um ofício dialético. Roland Barthes entende esse processo como uma realidade de duas faces na crítica da escrita:

Desse modo, a escritura é uma realidade ambígua: de um lado, nasce incontestavelmente de uma confrontação do escritor com a sociedade; de outro lado, por uma espécie de transferência mágica, ela remete o escritor, dessa finalidade social, para os instrumentos de sua criação (BARTHES, 2000, p.25)

Nessa análise, Barthes infere que a realidade da escrita oferece confrontos necessários para uma criação até mais participativa do escritor mediante as exigências de sua realidade produtiva. Cada parâmetro discursivo-analítico, resultado do confronto com a sociedade, requer que o autor tenha uma objetividade capaz de fazê-lo criar uma nova realidade de disputas e discussões.

Mário provoca os escritores que não atuavam, na poesia, como ato crítico e militante, discutindo, assim, a ação poética como um dos problemas mais emblemáticos a serem interpretados literalmente, conforme alguns excertos:

O sr. Carlos Drummond de Andrade só age poeticamente através dos poemas que publica [...]. Não faz crítica séria de livros de poesia [...]. É quando muito, um *master*. Não é um inventor [...]. Nunca seria um Pound, nem mesmo um Eliot [...]. (FAUSTINO, 10 de fevereiro de 1957)

Há o sr. Manuel Bandeira [...]. Escrevia durante a primeira guerra mundial poemas sob qualquer aspecto mais moderno [...]. Publica de quando em quando um poema engraçado [...]. De quando em quando um poema lamentável [...]. (FAUSTINO, 10 de fevereiro de 1957). Há a sra. Cecília Meirelles [...]. É um dos melhores poetas de seu sexo que já houve em qualquer época [...]. E também autora do mais harmonioso livro de poemas já publicado no Brasil: O Romancero da Inconfidência [...]. Mas está lá no seu canto, no Cosme Velho, trabalhando como ninguém, escrevendo poemas bons ou apenas sofríveis. (FAUSTINO, 10 de fevereiro de 1957).

Esses trechos retratam o pensamento progressistas de Mário Faustino, enquanto um interventor que age buscando mudanças efetivas no cenário intelectual do jornalismo. Carlos Drummond era um grande poeta na época da publicação da página “Poesia-Experiência”, quando Mário destilou contra ele. A crítica é de que, apesar da renovação da poética drummondiana, o poeta Drummond não se envolvia sequer como crítico, agindo como um burocrata intelectual. Já, em relação a Manuel Bandeira, Faustino revelava as suas diferenças poéticas. Enquanto Bandeira, na primeira guerra, escrevia sob a égide da compreensão simbolista, para Mário, ele, passou a atuar como um bufão do cotidiano, escrevendo poemas engraçados (ou sofríveis).

Nesses exemplos, percebe-se que a luta faustiniana se dá no âmbito da “linguagem crítica e de forma trabalhosa”, mais autoconsciente do que o usual. O mundo que essa linguagem encerra, é renovada de forma intensa. “O discurso literário torna estranho, aliena a fala comum: ao fazê-lo, porém, paradoxalmente nos leva a vivenciar a experiência de forma mais íntima, mais intensa. (EAGLETON, 1984, p.41).

Eagleton intensifica nessa fala que a expressão da linguagem é auto-consciente, ou seja, sua expressividade se renova, se remonta a cada diálogo de experimentar a crítica perceptiva que desautomatiza os “artifícios disformes” no campo da crítica literária.

No percurso da página “Poesia-Experiência”, Mário Faustino viu a sua extrema dialética lhe trazer problemas, embora não tenha desistido de sua opinião, trabalhando e ficando suas raízes na “*avant-garde*” da imprensa dos anos 1950, deixando que o tempo e o seu próprio leitor, lhe redefiniram intelectual e socialmente através das leituras de seus textos de crítica lítero-pedagógicas na página “Poesia-Experiência”, editados no Jornal do Brasil de 1956 a 1959.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização deste artigo, traçamos caminhos diversos para criarmos um diálogo provocativo entre a produção jornalística sobre a poesia de vanguarda experimental dos anos de 1950, por meio da página “Poesia-Experiência”, de Mário Faustino. Esta investigação expôs a identidade do jornalista polêmico e crítico, e a sua afirmação como

poeta de textos pedagógicos, aberto aos experimentalismos e revisionismos.

Esta investigação, na tentativa de interpretar a atuação de Mário Faustino como jornalista, poeta e crítico literário, enfocou a sua construção discursiva, pontuando os diálogos que manteve com aspectos literários-pedagógicos, típicos de sua identidade crítica.

Trazer à tona esses escritos educativos contribui para revelar um poeta que denuncia a “falsa poética” de alguns escritores consagrados, mas que não se engajaram a redor da “ideia-poema”. Para Faustino, mais que fazer poesia, o poeta deveria ser um militante. Assim, o fio condutor de sua produção jornalística e crítica é preocupado com o sujeito pensante. Era preciso que, assim como o autor, ao leitor também cabia recorrer, desenterrar, estudar os textos, contemplando a sua dimensão pedagógica magistral. Nesse sentido, este artigo científico tenta demonstrar a imensa contribuição cultural e revisionista de pouco conhecido jornalista Mário Faustino, em um período riquíssimo da história poética brasileira.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita**. São Paulo: Martins fontes, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CERTEAU, M.de. **A invenção do cotidiano: 1, artes de fazer**. Petrópolis: vozes,1994.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes,1983.

EISENSTEIN, Serguei. **O princípio cinematográfico e o ideograma**. In Campos, Haroldo de (org.) Ideograma, lógica, poesia, linguagem. São Paulo: editora da universidade de São Paulo, 2000, p. 149-166.

FAUSTINO, Mário. **Artesanato de poesia: fontes e correntes da poesia ocidental/** Mário Faustino: pesquisa

e organização de Maria Eugênia Boaventura. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

FAUSTINO, Mário. **De Anchieta aos concretos/** Mário Faustino: pesquisa e organização de Maria Eugênia Boaventura. São Paulo: Companhia das letras, 2003

FAUSTINO, Mário. **Uma biografia**. Lilia Silvestre Chaves. Belém: Secult, iap; apl, 2004.

NUNES, Benedito (org). **Poesia-Experiência**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

SOUZA, Eneida Maria. Mario Faustino - um ensaio biográfico. **Tese** (Doutorado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.

How to cite (ABNT)

OLIVEIRA, Bruno Leonardo Rios. Mário Faustino and Poetry-Experience: Dialogues with Journalism. JOSSHE: Journal of Social Sciences, Humanities and Research in Education. v. 1, n. 2, p. 76-81, jul.-dez., 2018.